

Uma renovação de vasto alcance

Resenha de Renato Mezan, Tempo de Muda - Ensaios de Psicanálise, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, 367 p.

Em seu último livro, *Tempo de Muda - Ensaios de Psicanálise*, Renato Mezan publica vários artigos, da década de noventa, pode-se dizer, já que o trabalho mais antigo data de 1989. Explicita-se, logo na apresentação, o motivo principal que o levou a reuni-los: é exagero falar em crise da psicanálise. O autor lembra que, apesar das dificuldades inerentes a seu próprio método, e da determinação de sua prática por condições sócio-culturais, a psicanálise “conserva muito do seu encanto e da sua fecundidade. Talvez mais sóbria, menos enfatuada com seus poderes terapêuticos, mais cautelosa em algumas de suas formulações, concordo; mas daí à proclamação tonitruante de que ‘Freud está ultrapassado’ vai uma longa distância” (p. 9). É isto mesmo.

Renato não só navega de maneira inteligente e elegante pelos recônditos da psicanálise, mas também articula o saber psicanalítico com os que provêm, principalmente, da filosofia, da teoria literária, da antropologia e até da música, de maneira apropriada. Alguns dos artigos desta coletânea originaram-se a partir de conferências pensadas para um público leigo. É importante salientar este aspecto, pois se tomarmos em consideração tal fato, algumas das observações que se seguem talvez possam ser nuançadas.

Apesar de modificada, aumentada, repensada para esta publicação, pode-se acompanhar a enorme tarefa a que levou a generosa disposição do autor para transformar conceitos e concepções da psicanálise em idéias claras e precisas. Resultam daí alguns pontos que valem uma discussão, entre os quais merecem destaque certos paradoxos do texto.

Vou me ater principalmente à primeira parte do livro, intitulada “A clínica na cultura”, onde apenas um dos artigos não diz respeito ao que podemos chamar de psicanálise aplicada ou *extramuros*, na nomeação de Jean Laplanche. Vamos ao paradoxo,

que localizo no artigo “Entre as dobras do texto: aspectos da escrita psicanalítica”. É curioso notar que a inserção deste texto no meio de outros, quarto na ordem de apresentação portanto, coincide com sua especificidade, sua diferenciação em relação ao conjunto. Situa-se aí a concepção de escrita do autor. Ela nos é revelada a partir de uma atitude por assim dizer guerreira, que nos comunica uma crença na posição da escrita como posição de *domínio*. Renato assume claramente sua intenção de ser persuasivo e sedutor, para levar o leitor a com ele partilhar o sabor das descobertas e idéias novas. Mostra-nos o modo pelo qual se vê compelido a realizar “uma escrita de tipo demonstrativo ou argumentativo, em cuja urdidura está implícito o projeto de vencer a complexidade do tema, tornando-o claro e transparente; vencer os argumentos do adversário, mostrando sua inconsistência e sua parcialidade; ou vencer as resistências do leitor, suscitando nele reflexões que prolonguem as minhas ou se oponham a elas (tanto faz), em

todo caso mobilizando-o e de alguma forma o tirando do seu sossego” (p. 107). Cabe invocar, em relação a essa proposta, a idéia de que o domínio sobre as palavras e sobre seu poder de expressão coloca o escritor também em contato com sua *passividade fundamental*. Esta passividade seria uma característica aparente e ardilosa da palavra. Dando a impressão de submissão, teria a função encantatória de fazer o escritor se crer mestre da sua própria pena. Essa é, em linhas gerais, a análise efetuada por Maurice Blanchot¹ da tensão entre a aparência de se deixar dominar e o dom, da palavra, de se manter *indecidível e inapreensível*, mesmo quando apanhada. Renato pode ser visto como um representante do paradoxo vivido pelo escritor psicanalista que exerce o domínio sobre o campo da palavra. Tudo leva a crer que este é um campo que se caracteriza por linhas de fuga e pelo encontro com o fazer mítico-poético da língua comum. Não há dúvida de que circula no âmbito do referido paradoxo, pois a fluência - uma de suas inegáveis capacidades -, quando associada à sua vocação de professor, impede-o às vezes de correr o risco de visualizar o impasse fundamental urdido pelas *sombras das palavras*. Para tanto, arriscar-se-ia a ser menos compreendido. À luz da razão, a clareza do texto ameaça entrar em conflito com a inquietação do psicanalista às voltas com o inconsci-

ente, a base complexa e obscura da escrita. Evidentemente não se espera que ele escreva um texto hermético ou rebuscado. Mas, leitora de Renato Mezan, sou freqüentemente tocada pela possibilidade que ele abre de também o seu leitor permanecer atento às ressonâncias da linguagem na fala. O sonho, como nos diz Pierre Fédida, é “exatamente o poder de linguagem das palavras e escutar é o harmônico de sua ressonância. Há um dom da palavra que nela guarda o sonho da noite.”

Cabe ainda citar um paralelo, feito por Pontalis, entre a atitude do analista durante as entrevistas iniciais e a leitura de um romance. Considera que os conteúdos relatados podem conduzir à ilusão de que perfazem uma “história que nos é (como) dada a ler.”² A atenção do analista, nesses primeiros encontros, atuaria como uma “sentinela vigilante”, à espreita de sinais, de que não se dá conta aquele que avança em sua direção. Seria como a de um leitor que, proibindo-se de sonhar o texto para o qual se volta, dedicar-se-ia a decifrá-lo.

Depois de fazer uma linda exposição sobre a questão do desejo em Freud, Renato coloca em seu divã, de maneira assumidamente “provocativa” - podemos deixar os puristas

esbravejarem sozinhos e nos dedicar sem culpas ao nosso jogo de armar” (p. 29) -, uma personagem de um conto de Eça de Queiroz, o pobre José Matias. Como ele mesmo escreve, “a psicanálise aplicada é uma psicanálise implicada” (p. 130). Talvez também o seja no sentido de efetuar uma leitura que permita associações, incluindo reverberações inconscientes.

Tenho, no caso do referido conto, a impressão de que Renato, além disso, implicou com o pobre sujeito, dissecando-o através de sua análise. Nela têm destaque complexo de Édipo, identificações primárias e secundárias, pulsão oral, anal, neurose obsessiva com fortes componentes homossexuais recalçados, etc., ficando de lado, como o próprio autor nos diz, “o componente que vem em primeiro plano num tratamento real” (p. 28). Valeria invocar também a transferência, mola propulsora da situação analítica. A transferência põe em movimento uma atividade psíquica que, com traços deixados pelos objetos do passado, passa a investir novos objetos da situação analítica - mas agora de forma nova e original. É, neste contato entre analista e analisando que modificações psíquicas vão se produzindo, impedindo-nos de escrever no

a posteriori uma história do sujeito diferente daquela da própria análise. “Não se poderia acordar a lembrança da infância sem que a palavra fosse metaforicamente transferencial.”³

Ao ler o conto de Eça de Queiroz, tive minha atenção despertada pela repetição do número três. Temos em primeiro lugar, o escritor, o narrador e a personagem - o pobre José Matias. Eça, como sabemos por sua biografia, foi *un homme à femmes*, e escreve com ironia divertida, tanto ao cunhar o estilo do que é dito pelo narrador, quanto ao mostrar suas referências à história amorosa da personagem.

O narrador é um filósofo produtivo que, ao longo do tempo da narrativa, escreve três livros: *Defesa da Filosofia Hegeliana*, *Origens do Utilitarismo*, e por fim *Ensaio dos fenômenos afetivos*. Mas, apesar de tão profícua produção, não consegue entender bulhufas do amor enlevado e espiritual de seu pobre amigo pela divina Elisa, “sublime beleza romântica de Lisboa, nos fins da Regeneração”⁴, descoberta pelo Miranda, seu velho marido, “numa remota rua de Setúbal!”. Quando “laboriosamente anotava Hegel”, ao encontrá-la numa tarde de chuva, adorou-a “durante três exaltados dias e até um soneto lhe rimou”. Sua patética incompreensão pelo amor espiritualizado de José Matias pode ser exemplificada pelas exclamações diante da recusa do amigo em mudar o caráter da relação com Elisa, quando ela se torna viúva pela primeira vez: “É o mesmo de sempre! Infinito, absoluto... Mas não quer casar!” e mais, mostra “aquele assombro resignado que convém a espíritos prudentes perante o Incognoscível; “e mais, depois de passar a noite insone, pensando no ato de José Matias, “já de madrugada, esta-

fado, conclui, como se conclui em Filosofia, que me encontrava diante duma Causa Primária, portanto impenetrável, onde se quebraria, sem vantagem para ele, e para mim, ou para o Mundo, a ponta do meu Instrumento.”

Um segundo marido aparece na vida de Elisa, e o pobre José Matias rola ladeira abaixo na bebedeira, na esbórnia, na jogatina, mas seu amor espiritual jamais arrefece. O segundo marido também morre e, como não fica bem a uma senhora direita casar-se pela terceira vez, a divina Elisa arruma um amante carnal, uma vez que sua ligação com o pobre José Matias mantém-se exclusivamente numa aura espiritual. Ele, que se transformou num farrapo humano, permanece de tocaia, à espreita, agora não só da bela mulher, mas também de seu amante. Talvez, como diz o narrador, para se informar e vigiar, querendo saber se Elisa esta sendo bem amada carnalmente, já que da alma cuida ele.

No enterro de José Matias, o narrador continua a filosofar: “É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dele tirar sua felicidade, adorará o Espírito, e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém!”

O pobre José Matias se desvanece na busca da própria morte, representada pela brancura, pela luz, pela lua distante constantemente citadas, talvez, encarnadas na figura da divina Elisa.

O texto literário vai-se fazendo, como procurei exemplificar, tendo como eixo três atividades psíquicas, suas perplexidades, contradições e complementaridades. Podemos entrar em contato com as modificações psíquicas que se vão produzindo. A inclemente análise de Renato caracteriza-se pela transferência com o *a posteriori* das histórias dos sujeitos. Reduzido à passividade, José Matias é apresentado em suas relações edípicas, com didática competência: “Aterrorizada pela imagem fantasmática de uma mãe devoradora, a criança não poderia nem tomá-la como objeto nem ser para ela um objeto, já que manter com tal representação relações no plano do objeto equivale a ser devorado por ela.” (p. 39).

“Em vez disso, suponho que José Matias tenha regredido da escolha de objeto à identificação, e se identificado com essa mãe, porém de modo muito peculiar: não se torna sexualmente feminino, não é um

homossexual, mas essa homossexualidade permanece latente, encoberta pela modalidade de satisfação pulsional que toma como caminho o "olhar fixamente". É como se nele algo se opusesse à identificação completa com a mãe imaginada; deste conflito entre "ser como a mãe" e "ser como o pai" - da resolução, portanto do seu complexo de Édipo - vai resultar uma marcada inibição sexual." (p. 40). A submissão aos encantos de Elisa, que atrai a atenção do narrador produzido por Eça, tem a seguinte exposição através da lente de Renato: "A agressividade infantil de origem oral e anal vai ser assim neutralizada por defesas caracteriais que se expressam por "superficialidade sentimental" e "inabalável quietação". [...] Paralelamente, a inibição da sexualidade genital parece provir de uma regressão bastante estável a formas atenuadas da sexualidade pré-genital, que confluíram para o investimento da visualidade nas modalidades que já conhecemos." (p. 40).

Ganha o leitor interessado em psicanálise com a acuidade dessa leitura que põe em andamento uma teoria de si, praticada e desconhecida por José Matias.

Provocada pelo autor, conjeturo a respeito de minha própria relação transferencial com seu jogo de armar. Este nos traz a possibilidade de vigiar, ficar à espreita das vicissitudes da personagem tornada passiva e de nos implicarmos com este tipo de aplicação da psicanálise. Se, por um lado a clareza e a transparência nos seduzem, algumas questões resistem, defendendo aquilo que fica na penumbra de tal domínio. Aprender psicanálise através da aplicada elucidação técnica das personagens da literatura é instigante. Porém, não ter navegado pelo texto analisado põe o aprendiz diante do choque de uma aula de anatomia. A vida psíquica das personagens permanece ex-

clusivamente na escrita de Eça, deixada de lado por exigência do método.

Em "Tempo de Muda", artigo que dá nome ao livro, Renato atinge seu momento mais rico. Nele tudo transborda: os centros de interesse, os conceitos, as línguas que utiliza com grande habilidade, trazendos várias referências eruditas e metáforas apropriadas. O método psicanalítico, nesse texto, compõe com vida e obra de compositores e escritores. Aí, merece destaque o tratamento brilhante dado aos temas da dor e da perda, onde a escrita psicanalítica se entrelaça com a memória escrita da cultura.

Tramam-se letras de Chico Buarque, de Lupicínio Rodrigues, com escrituras originadas de textos sagrados em hebraico, passagens do *Alcorão*. Uma análise detalhada é feita tanto da ópera *Don Giovanni* de Mozart, como da peça *Hamlet*, de Shakespeare, obras imortais criadas por ocasião da morte do pai. Nesse artigo, Renato nos expõe magistralmente todos os sentimentos ambíguos e contraditórios que permeiam um luto por ser feito, onde o psiquismo, com

suas complexas relações de amor e ódio com os primeiros objetos da vida de um homem, se põe em marcha, na árdua tarefa que, para si, tem que tomar o sobrevivente. Mostramos "o que pode ser a experiência da criação quando acompanhada de afetos intensos." (p. 116). Somos tomados por inteiro, inclusive fisicamente, e pouco a pouco essa quantidade de sensações vai se transformando e, ganhando forma. De fragmentos de palavras e de sentimentos, algo capaz de produzir os sentidos de uma experiência estética vai se apresentando.

Shakespeare teve de dizer adeus duas vezes: ao filho Hamlet e ao pai John. Mas se a dor é mais funda quando se perde um filho, ela parece mais densa quando se perde um pai. A morte de um filho, por terrível que seja, é mais unívoca, menos propícia a mobilizar a ambivalência, do que a morte do pai. E isto porque o filho pode ser metaforizado por uma obra - veja-se o Cântico do calvário, de Fagundes Varela - cuja execução assegura ao pai que sua fecundidade permanece intacta; a morte de um filho é um golpe devastador que atinge o narcisismo dos pais, além da relação amorosa que podem ter tido com aquele." (p. 125-126).

Nos comentários feitos até aqui, nos ativemos apenas a três artigos da primeira parte do livro, e muito mais teríamos a comentar, dada a enorme variedade de assuntos abordados pelo autor. Mas não gostaria de deixar de mencionar outras habilidades demonstradas por

Renato: como historiador, em "Viena e as origens da psicanálise"; como crítico construtivo, ao discutir trabalhos de colegas, como em "A ética como espelho para a psicologia", onde a questão da representação é posta em relevo, e em "Metapsicologia: por que e para que", onde o lugar e a função da metapsicologia freudiana são abordados em diálogo crítico com os trabalhos de Zeljko Loparic; como arguto e tranqüilo psicanalista, que não se afoba diante de críticas deslocadas à psicanálise, mas nos demonstra onde o nosso saber e o nosso método encontram sua aplicação mais adequada, em "Psicanálise e neuro-ciências: uma questão mal colocada", e em "Psicanálise e psicoterapias: qual a relação"?

A vivacidade do autor e seu conhecimento multifacetado são exemplos da fecundidade atual da psicanálise, ao vasculhar os recessos da alma humana, e da possibilidade de liberdade interna que ela nos oferece.

NOTAS

1. Maurice Blanchot, *L'espace littéraire*, Paris, Gallimard, 1955.
2. J.B. Pontalis, *Ce temps qui ne passe pas*, Paris, Gallimard, 1997.
3. Pierre Fédida, "Préface" ao livro de John Forrester, *Le langage aux origines de la psychanalyse*, Paris, Gallimard, 1984.
4. Eça de Queiroz, "José Matias", in *Contos*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1951. Todas as citações pertencem ao referido conto.

Anna Maria Amaral é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.